



ARTIGO

**AS ARTES DE  
FAZER E NARRAR A  
PRODUÇÃO DO CONGO  
DE MÁSCARAS DE RODA  
D'ÁGUA, CARIACICA, ES**

*Andreia Teixeira Ramos*

*Licenciada em Pedagogia pela Faculdades Integradas São Pedro. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora substituta do Centro de Educação da Ufes. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Sorocaba, São Paulo. Agência de fomento CAPES.*

## Resumo

O texto apresenta o fragmento de uma pesquisa que teve como objetivo conhecer as artes de fazer e narrar a produção do congo de máscaras de Roda D'Água, Cariacica, Espírito Santo, como prática cultural cotidiana e como modo de resistência na sociedade contemporânea. Em 2014 o Conselho Estadual de Cultura reconheceu o Congo Capixaba como Patrimônio Imaterial do Estado do Espírito Santo. Participaram da pesquisa: professores/as, educadores/as e educandos de redes cotidianas escolares, mestres de congo, artesão de congo, congueiras, filhos e filhas dos congueiros. A pesquisa conheceu diversas artes de fazer e narrar a produção das máscaras de congo, que é parte da História do povo capixaba, apostando nas conversas, experiências, bons encontros, potencializando dimensões éticas, políticas e estéticas, articulando a vida cotidiana, seus rastros, cheiros, sabores, gestos, risos, cores, saberes, poesias, fazeres, sons, afetos e alegrias.

**Palavras-chave:** congo de máscaras, prática cultural cotidiana, pesquisa com o cotidiano, narrativas.



## Resumen

El texto presenta el fragmento de un estudio que tuvo como objetivo conocer las artes de la fabricación y narrar la producción de máscaras Rueda de agua congo, Cariacica, Espírito Santo, como práctica cultural cotidiana y como una forma de resistencia en la sociedad contemporánea. En 2014 el Consejo de Estado de Cultura reconoció Congo Capixaba como Patrimonio Inmaterial del Estado de Espírito Santo. Los participantes fueron: maestros/as, educadores/as / estudiantes y las redes de todos los días de escuela, maestros congo, congo artesano, congueiras, hijos e hijas de congueiros. El estudio se reunió varias artes de la fabricación y narrar la producción de máscaras Congo, que es parte de la historia del pueblo Capixabas, la inversión en las conversaciones, experiencias, buenas reuniones, la mejora de ética, política y estética, la combinación de la vida cotidiana, sus pistas, olores, sabores, gestos, risas, colores, conocimiento, poesía, obras, sonidos, emociones y alegrías.

**Palabras clave:** máscaras de congo, prácticas culturales todos los días, todos los días de investigación con, narrativas.

## Primeiros sons dos tambores e casacas do congo de máscaras

*Ajuda eu Tambor! ...Ajuda eu cantar.  
(Toada de Congo)*

O congo de Roda D'Água me chamou, com inspirações nos sons das toadas<sup>1</sup>, casacas<sup>2</sup> e tambores<sup>3</sup> do congo<sup>4</sup> de máscaras<sup>5</sup> de Roda D'Água, Cariacica, Espírito Santo (ES), Brasil, escrevemos este artigo<sup>6</sup>, embalados pelos ritmos do congo, que em 2014, o Conselho Estadual de Cultura reconheceu o Congo Capixaba como Patrimônio Imaterial do Estado do Espírito Santo. O registro afirmou o papel do governo, a proteção e a preservação do Congo, que é parte da História do povo



Imagem produzida pela autora na realização da pesquisa de campo.  
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

capixaba, e o dia de 20 novembro entrou para a História como marco da preservação desta cultura.

O texto apresenta o fragmento de uma pesquisa que teve como objetivo conhecer as artes de fazer e narrar a produção do congo de máscaras de Roda D'Água, Cariacica, Espírito Santo, como prática cultural cotidiana e como modo de resistência na sociedade contemporânea, e os seus atravessamentos com as redes cotidianas escolares e de outros espaços de convivência.

Para alcançar nossos objetivos optamos pela metodologia da pesquisa com os cotidianos (ALVES, 2001; 2010) e (FERRAÇO, 2003). Além disso, a pesquisa se baseia de modo teórico-metodológico nos trabalhos de Michel de Certeau (2008a, 2008b), e Humberto Maturana (1999; 2002; 2006).

Nos movimentos da pesquisa, os sujeitos praticantes (CERTEAU, 2008a) foram: professores/as, educadores/as e educandos de redes cotidianas escolares, mestres de congo, artesão de congo, congueiras, filhos e filhas dos congueiros, que habitam a região próxima da banda de congo da região de Taquaruçu em Roda D'Água, Cariacica.

Desse modo, a produção de dados com a pesquisa de campo, aconteceu no acompanhamento das redes de conversações, tecidas nas coletividades

1 Toadas são canções guardadas de memória ou improvisadas, elas falam de temas variados: o mar, o amor, a natureza, a devoção aos santos e, por vezes a morte. Disponível em: [http://www.ape.es.gov.br/espíritosanto\\_negro/historia\\_congo.htm](http://www.ape.es.gov.br/espíritosanto_negro/historia_congo.htm). Acesso em 06/06/2015.

2 A casaca: Instrumento peculiar das Bandas de Congo, recebe outras denominações conforme o lugar: cassaca, canzaca, canzá, ganzá, carcaxá, reque-reque e reco-reco. É uma das variações do reco-reco. A cabeça esculpida é que lhe dá o diferencial, fazendo dele um instrumento antropomórfico. Disponível em: [http://www.ape.es.gov.br/espíritosanto\\_negro/historia\\_congo.htm](http://www.ape.es.gov.br/espíritosanto_negro/historia_congo.htm). Acesso em 06/06/2015.

3 Tambores feito de pau cavado, às vezes oco por sua natureza, tendo em uma das extremidades um couro, pregado com tarugos de madeira rija. Disponível em: [http://www.ape.es.gov.br/espíritosanto\\_negro/historia\\_congo.htm](http://www.ape.es.gov.br/espíritosanto_negro/historia_congo.htm). Acesso em 06/06/2015.

4 O congo é considerado por estudiosos das tradições populares do ES, como uma dança folclórica, por ser um grupo musical de estrutura simplificada, com dançadores e um dirigente (mestre), possui coreografia própria, sem texto dramático, e outras pessoas podem ser incluídas, isto quer dizer: podem participar desta manifestação, que possui características próprias sem igual em outros estados do país. Disponível em: [http://www.ape.es.gov.br/espíritosanto\\_negro/historia\\_congo.htm](http://www.ape.es.gov.br/espíritosanto_negro/historia_congo.htm). Acesso em 06/06/2015.

5 O Carnaval de Congo de Máscaras em Roda D'Água representa a memória e a história do povo de Cariacica ilustrado na festa das cores e do ritmo dos tambores e da casaca. Como símbolo da cultura do município, o congo de máscaras mantém acesa uma das mais representativas manifestações folclóricas do Estado. Disponível em: <http://www.cariacica.es.gov.br/tradicao-e-cores-nas-mascaras-de-congo-do-mestre-valcedij/>. Acesso em 06/06/2015.

6 Esse artigo foi inspirado na pesquisa de dissertação de mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, intitulada, Educação Ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do Congo de Roda D'Água (RAMOS, 2013) e teve como agência de fomento a CAPES.

ao longo do ano de 2011 e parte de 2012, em encontros quinzenais de compartilhamento de vivências<sup>7</sup>, conversas e narrativas registradas no diário de campo. Além disso, usamos linguagens artísticas e audiovisuais, além de fotografias, vídeos, gravações e transcrições<sup>8</sup>.

Vale a pena ressaltar que exercitamos a conversa (MATURANA, 1999), como procedimento metodológico, com compromisso ético e estético, com atitude política de descolonização dos modos de pensar e exercitar a produção de dados no campo problemático da pesquisa. Assim, pensamos a conversa com Humberto Maturana que segundo ele: o fluir entrelaçado de linguajar e emocionar eu chamo conversar e conversação o fluir, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar (MATURANA, 1999, p. 173).

Nesse sentido, destacamos, que o local da pesquisa está inserido em um contexto sociocultural marcado pelo hibridismo entre indígenas, negros e imigrantes europeus. O primeiro nome do município foi *Carijacica*, que na língua tupi significa *chegada do homem branco*. Segundo pesquisador (BEZERRA, 2009, p.35), *Carijacica* era o nome de um rio descoberto pelos indígenas que descia do Monte Moxuara. Com o tempo, a linguagem popular abreviou o nome para Cariacica.

Vale lembrar que a mídia e a opinião pública associam Cariacica como terra dos *que vem das margens* (REIGOTA, 2013) e com graves problemas de violência socioambiental, constituindo historicamente esses discursos, como uma verdade, desconsiderando e apagando as potencialidades locais, mas, no meio do chão de asfalto também nascem flores, como diria o poeta Chico Buarque (1990).<sup>9</sup>

7 Neste artigo colocamos apenas alguns lampejos dos registros de conversações, como narrativas. Considerando que devido ao limite da pesquisa não é possível colocar todas as transcrições.

8 As conversações foram gravadas com autorização, transcritas e problematizadas como narrativas de acordo com os objetivos da pesquisa, compondo o que chamamos de Diário de Campo.

9 Chico Buarque de Holanda (1944) é músico, dramaturgo e escritor

*'E assim, seja lá como for  
Vai ter fim a infinita aflição  
E o mundo vai ver uma flor  
Brotar do impossível chão'*

Assim, a aposta desta pesquisa está na desconstrução dos reducionismos veiculados na mídia e na opinião pública associando ao município, imagens de um lugar marginal e que foram constituídos historicamente. Mas, Cariacica também tem suas belezas, como o Monte Mochuara, ponto mais elevado do município e conhecido pela Lenda (CORADINE E GERLIN, 2008) *O Pássaro de Fogo*<sup>10</sup>.

Temos ainda a Reserva Biológica de Duas Bocas, considerada uma das mais importantes Unidades de Conservação do Estado e está inserida no bioma da Mata Atlântica. Cariacica está na Rota Imperial com suas histórias, memórias, identidades, culturas e belezas naturais marcados pelas viagens de Dom Pedro II ao ES e Minas Gerais.

Pensando nos movimentos da pesquisa e com as singularidades do Carnaval de Congo de Máscaras que acontece anualmente, fomos embalados por suas toadas, casacas, tambores, toadas, músicas, danças e personagens João Bananeira<sup>11</sup>. O foco da festa do Carnaval de Congo de Máscaras é a devoção a Nossa Senhora da Penha, padroeira do ES. O festejo conta com a presença singular do brinçalhão com as máscaras de Congo, sendo que os participantes

brasileiro. Revelou-se ao público quando ganhou com a música A Banda, interpretada por Nara Leão, o primeiro Festival de Música Popular Brasileira. Disponível em: [http://www.e-biografias.net/chico\\_buarque/](http://www.e-biografias.net/chico_buarque/). Acesso em 26/06/2015.

10 Disponível em: <http://lendasdecariacica.blogspot.com.br/2012/05/o-passaro-de-fogo.html>. Acesso em 01/07/2015.

11 João ou Zé Bananeira? Essa manifestação cultural genuína de Roda D'Água é conhecida como mascarado. Ele aparece nos festejos de louvor à Nossa Senhora para brincar na procissão e assustar os distraídos. Seu rosto é uma máscara com grande capuz de tecido colorido, criada a partir do barro, só para esconder o congueiro que se apresenta. Veste roupas e sapatos emprestados, usa meias como luvas e uma saia de palhas secas de bananeira feita especialmente para a festa. Sai correndo atrás das pessoas, leva alegria e deixa seu rastro pelo chão. Quando chega a hora santa é que se revela o brinçalhão. (CD DAS BANDAS DE CONGO DE CARIACICA/ES/BRASIL, 2008).

utilizam máscaras produzidas artesanalmente na comunidade. A presença das máscaras é uma das peculiaridades que difere o Carnaval do Congo de outros grupos de congo do ES. Além das máscaras o Carnaval é abrillhantando com as Bandas<sup>12</sup> de Congo.

## Escavações e encontros com o congo de máscaras

*lailá você vai à Penha,  
me leva ô, me leva  
Eu vou tomar capricho  
Meu bem vou trabalhar  
Eu tenho uma promessa a pagar  
Essa promessa  
Que eu tenho a pagar  
É pra Santa padroeira  
Ela vai me ajudar  
(Toada de Congo)*

A pesquisa com as máscaras de congo se pluralizou com as inspirações de Michel de Certeau, no que ele denomina de Cultura no Plural (2008b). As pluralizações das culturas são verdadeiros ataques às celebrações estabelecidas da cultura no singular e que evidenciam o *singular de um meio*, assim, a vontade política, centrada na noção de Certeau (2008b) de cultura no plural, propõe a dissolução de hierarquização das culturas.

12 Até o fim de 2012, o município contava com seis bandas de Congo e mais duas bandas de Congo Mirins. São elas: Banda de Congo São Benedito de Piranema – Fundada em 3 de março de 1937; Banda de Congo de São Benedito de Boa Vista – Fundada em 31 de março de 1947; Banda de Congo de Unidos de Boa Vista – Fundada em 23 de junho de 1947; Banda de Congo de Santa Izabel – Fundada em 12 de abril de 1965; Banda de Congo de São Sebastião de Taquaruçú – Fundada em 2 de abril de 1983; Banda de Congo de Mestre Tagibe – Fundada em 8 de março de 2008; Banda de Congo Mirim Raiz de Roda D'Água – Fundada em 8 de março de 2011 e Banda de Congo Mirim São Benedito de Boa Vista – Fundada em 29 de junho de 2012.



Imagem produzida pela autora na escola da pesquisa durante a realização do Carnaval de Congo de Máscaras de congo de Roda D'Água em Cariacica/ES. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais *reservada* a um grupo social; ela não mais constitui propriedade particular de certas *especialidades* profissionais [...]; ela não é mais *estável* e definida por um código aceita por todos (CERTEAU, 2008b, p. 103-104).

Como dissolver as repressões políticas e sociais dos discursos que hierarquizam as culturas? Como escapar das concepções estáticas, majoritárias e reducionistas dos discursos que classificam as invenções cotidianas culturais? Nas brechas, entre o dizer e o fazer, pensamos aqui, as práticas culturais como resistências e antidisciplinas, que são extraídas nos ruídos das maneiras de fazer e das astúcias e táticas dos *sujeitos praticantes* do cotidiano. Sempre recordando, e inspirado em Certeau (2008a), que não devemos tomar o outro como tolo, percebendo micro-diferenças e micro-resistências, nos jogos das táticas silenciosas e sutis das vidas cotidianas.

Assim, com uma pesquisa bibliográfica, na busca por publicações que problematizam as questões de investigações aqui levantadas, encontramos pistas, movimentos, processos, forças que nos deslocaram ao encontro de diversos materiais, entre dissertações, artigos, livros, revistas, vídeos, CDs, projetos

institucionais, imagens, etc. Nesse mosaico de materiais e fontes, destacaremos alguns, a começar com os livros de Guilherme Santos Neves (2008), que, ao longo de quase 40 anos – de 1944 a 1982 –, dedicou-se a estudar os folclores dos capixabas<sup>13</sup>.

Reunida em dois volumes a referida obra, intitulada Coletânea de estudos e registro do folclore, apresenta no seu primeiro volume o capítulo Canto de amor ao Espírito Santo ou Iaiá, você vai a Penha? E, o segundo volume com destaques nas festas e folguedos populares, no qual o Congo é visto como um dos recantos das terras capixabas, nas cidades e vilas, enredando ajuntamentos de pessoas, com suas singularidades, entoadas ao som de cuícas, tambores, chocalhos, congos e casacas.

A primeira referência impressa de bandas de congos no ES está no livro do Padre Antunes de Sequeira, Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense (1893), fazendo menção às bandas de congos dos índios mutuns do Rio Doce.

Outras notícias a respeito das antigas bandas de congos no século XIX podem ser colhidas, talvez, nos livros dos viajantes estrangeiros que por aqui passaram, nos apontamentos de outros visitantes interessados, ou nos jornais que, na época, circulavam em Vitória ou no interior. Todas, ou quase todas dirão da presença de índios e de negros nas antigas bandas de congos, o mais típico e curioso conjunto musical do folclore capixaba (SANTOS, 2008, p. 76).

Paradoxalmente, a importante coletânea desse folclorista capixaba chamou atenção pela ausência de registros das máscaras do Congo de Roda D'Água. No que se refere a produção científica em relação às práticas culturais, percebemos as potências desse

campo problemático, ainda em constituição, justificada pela pouca expressão de trabalhos publicados num diálogo com a Educação.

Encontramos na Biblioteca Central da Ufes, especificamente no conjunto de obras das Coleções Especiais e no acervo da Comissão Capixaba de Folclore, a monografia de obtenção do grau de Bacharel em História, de Eliomar Carlos Mazoco (1986) com a temática O Congo de Máscaras de Roda D'Água em Cariacica. Segundo o historiador:

As máscaras, motivo da brincadeira [...]. Os mascarados vão chegando de suas casas já trajados e ficam aguardando, ocultos na *venda* [...]. Abrindo o cortejo vão os mascarados. Atrás o povo. O cortejo vai num barulho alegre, anunciados pelos fogos, pelo som grave do tambor, pelo ronco da cuíca, pelo trilar do apito, pela algazarra e pelo canto. Ao longo do trajeto já determinado, o cortejo vai parando, sempre acompanhado de fogos atraindo mais gente por vezes recolhendo mais mascarados, que durante o cortejo vão em hilariante festividade, em brincadeiras e estripulias, caindo pelas estradas, correndo em direção às pessoas, cantando e dançando (MAZOCO, 1986, p. 23-24).

A leitura desse material, novamente potencializou a pesquisa, uma vez que o Congo de máscaras está poeticamente apresentado na obra.

As máscaras dão o toque singular nesse festejo que, apesar de sua antiga realização, não possui registro na bibliografia capixaba do folclore capixaba e, justamente pela presença delas, nenhum paralelo ou semelhança com outros festejos do Congo no Espírito Santo e no Brasil (MAZOCO, 1986, p. 25).

Continuando nossos caminhos de rastreio e de escavação, chegamos à duas dissertações que nos ajudaram a problematizar as questões de investigação em relação ao Congo de máscaras.

Desejamos ressaltar o compromisso político

e ético nesta pesquisa com as práticas culturais, de problematizar os discursos, por meio de abordagens que consideram as identidades como fragmentadas, não fixas e em processos de identificação dos sujeitos, imersos nas diferenças dos devires cotidianos, em redes de saberes, alargando e atualizando, na contemporaneidade, a noção de tradição. São apostas políticas, éticas, estéticas e epistemológicas assumidas aqui e que advém também das leituras feitas e movimentadas com os grupos de pesquisas dos quais participamos.

Temos, ainda, a dissertação de Mestrado em Educação na UFES de Miranda (2007), denominada Leitura de imagens: da casaca à konshaça – mediações na particularidade do enredo cultural serrano, na formação de professores em educação à distância. Tal pesquisa analisou, a partir da prática de leitura de imagens fotográficas das bandas de congo, os enunciados dialógicos dos professores do município de Serra, articulando saberes e valores na prática docente, envolvendo a consciência histórica, a memória e o pertencimento aos saberes populares regionais.

A leitura dessa dissertação evidenciou pistas e vestígios que torceram meus pensamentos, deslocando-me a outra pesquisa, com foco nas bandas de congo, denominada Tamborizar: Histórias e Construção da Auto-Estima das crianças Adolescentes Negras e Negros, através dos tambores de Congo (SOUZA, 2005). Essa pesquisa produziu uma arqueologia sócio histórica das bandas de Congo Mirim e sua inserção na Escola Estadual Pluridocente de Ensino Fundamental em Roda D'Água.

Roda D'Água, bairro rural do Município de Cariacica, no Estado do Espírito Santo, é um lugar encantado em meio a montanhas, matas e nascentes. Abriga segredos e linguagens que somente são revelados em dias como o de Nossa Senhora da Penha, quando as bandas de congo de Cariacica se reúnem para o Carnaval de Congo, num espetáculo radiante em que cores, sonoridades e danças principiam ciclos de comunalidade mantidos pelas Bandas de Congo

de Santa Isabel de Roda d'Água, São Benedito de Piranema, São Benedito de Boa Vista e São Sebastião de Taquaruçu. (SOUZA, 2005, p. 18).

A historiadora destaca uma das versões em relação aos vestígios do Congo de Máscaras:

Entre as muitas particularidades dessa região, Roda D'Água se destaca pelo Carnaval de Congo. Tradição do século XVII, originalmente uma procissão em homenagem a Nossa Senhora da Penha, na qual máscaras e fantasias ocultavam negros e brancos que não queriam, ou não podiam ser reconhecidos (Souza, 2000). Trata-se de uma tradição que remonta ao século XVII, quando os trabalhadores escravizados aproveitavam da saída de seus senhores para a festa em homenagem a Nossa Senhora da Penha e, segundo Muniz Sodré (1998), reterritorializavam (rompimento dos limites topográficos impostos pela divisão social do espaço urbano aos negros) o espaço para livre circulação, vestidos com fantasias e máscaras que ocultavam suas identidades. Com o passar do tempo, também os brancos que não queriam, ou não podiam ser reconhecidos, se ocultavam atrás de máscaras rústicas de papel e vestiam roupas adornadas com folhas de bananeira (SOUZA, 2005, p. 102).

Serão essas maneiras de fazer o Carnaval de Congo de Máscaras, modos de usos subversivos, de resistências e de reinvenção das celebrações das comemorações do dia da santa padroeira do ES? Portanto, para Certeau (2008a) as artes de fazer e os usos dos produtos culturais, desenham operações multiformes escondidas e que habitam as redes cotidianas, criando artes de combinar indissociáveis com as artes de utilizar, como é o caso, da invenção do Carnaval de Congo de Máscaras.

Nessa cartografia evidenciamos ausências potentes para pensar a pesquisa – ou, pelo menos, fazer um exercício nesse sentido – emergindo, na temática, e em mim, diferentes contextos epistemológicos

<sup>13</sup> Segundo os estudiosos da língua tupi, capixaba significa, roça, roçado, terra limpa para plantação. Os índios que aqui viviam chamavam de capixaba sua plantação de milho e mandioca. Com isso, a população de Vitória passou a chamar de capixabas os índios que habitavam na região e depois o nome passou a denominar todos os moradores do ES. Disponível em: [http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/origem\\_do\\_termo\\_capixaba.aspx](http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/origem_do_termo_capixaba.aspx). Acesso em 01/07/2015.



Imagem produzida pela autora na realização da pesquisa de campo.  
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

e ontológicos, apoiando-nos, metodologicamente, na produção de narrativas e nas conversas nas redes cotidianas, reconhecendo sujeitos híbridos, memórias, identidades descentradas e práticas culturais tecidas nas coletividades, na solidariedade e na produção de subjetividades.

São as narrativas, como histórias contadas, e as conversas de acontecimentos tecidos entre as redes cotidianas do Congo de Máscaras, e seus atravessamentos com as comunidades em Cariacica, que a pesquisa com os cotidianos, encontra um terreno fértil de possíveis, seja em redes de conversações e afetos, seja nas artes de fazer (CERTEAU, 2008a) e narrar, com compromissos ético e políticos com os *sujeitos praticantes*.

Nesse sentido, quais singularidades do congo de máscaras? Como trazer à tona as práticas culturais de um município, retratado como lugar dos que *vem das margens* (REIGOTA, 2013), onde as mazelas são evidenciadas na mídia, pela opinião pública, nos discursos e na política? Como o congo de máscaras, pode furar e problematizar os discursos constituídos historicamente, que escamotearam singularidades potentes das práticas culturais em Cariacica?

As pesquisas alargaram os possíveis desse caminho investigativo num movimento de experimen-

tar as metamorfoses de uma prática cultural singular, que é o congo de máscaras. Esses movimentos me metamorfosearam como diz a canção de Raul Seixas<sup>14</sup> (1973): *Eu prefiro ser aquela metamorfose ambulante, do que te aquela velha opinião formada sobre tudo*.

### O linguajar das artes de fazer as máscaras de congo

Maturana (1999) ressalta que *conversar* vem do latim, *cum* - com; e *versare* - dar voltas. Como mamíferos, somos animais que nos nossos devires evolutivos aprendemos a coordenar os fluxos emocionais nas ações, como animais linguajantes.

Estou chamando de ações tudo o que fazemos em qualquer domínio operacional que geramos em nosso discurso, por mais abstrato que ele possa parecer. Assim, pensar é agir no domínio do pensar, andar é agir no domínio do andar, refletir é agir no domínio do refletir, [...], e assim por diante, e explicar cientificamente é agir no domínio do explicar científico (MATURANA, 2006, p. 128-129).

Dessa forma, Maturana entende a conversa como um domínio operacional biológico e ontológico dos seres humanos, constituindo cotidianamente, redes de conversações na linguagem:

Conversações as diferentes redes de coordenações entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar que geramos ao vivermos juntos como seres humanos (Maturana, 2006, p. 132).

Assim, podemos pensar de que modo os *sujeitos*

14 Raul Seixas (1945-1989) foi um músico, compositor e cantor brasileiro, um dos grandes representantes do rock no Brasil. Raul Santos Seixas (1945-1989) nasceu em Salvador, Bahia, no dia 28 de junho de 1945. Disponível em: [http://www.e-biografias.net/raul\\_seixas/](http://www.e-biografias.net/raul_seixas/). Acesso em 26/06/2015.

*praticantes* do Congo de máscaras, vivem e são produzidos, em redes de conversações cotidianas? Diversos pontos de vistas dos observadores emergiram nas travessias da produção do congo de máscaras. As redes de conversações que compõem as feitura das Máscaras desenham as artes de fazer e narrar tecidas nas coletividades das redes cotidianas que atravessaram a pesquisa.

Nesse sentido, destacamos um fio de conversação, escrita no diário de campo, narrativa em que o mascarado do congo de máscaras é batizado como João Bananeira. *É Chico? É Pedro? É José? Não, Não, não, não, é João Bananeira!* (Toada do Congo da Banda de São Sebastião de Taquaruçu).

A história do João Bananeira surgiu na região do alto de Roda D'água. João Bananeira é o personagem que faz o carnaval de congo. Antigamente o mascarado era de pano, não tinha máscara como nós fazemos hoje. Era de um pano, fazia os olhinhos, a boquinha aí, pintava aquele pano de preto, aí botava no rosto e ficava na casa de um e outro. Depois nós fazíamos as formas de barro da natureza, não era de argila, mas era muito difícil de fazer, era o dia todo para fazer uma forma daquele barro mole, para a criança era muito difícil tinha que fazer e ficar duas horas para colocar o papel e conseguir fazer a máscara. A oficina que eu ensino as crianças agora, eu compro a argila, faço a forma da massa. No dia eu boto o papel, faço a forma, boto o jornal e antes do jornal boto uma sacola de papel aí vai rasgando os papéis vão colocando umas doze ou quinze camadas de papel, para formar a máscara dura oito dias (MESTRE DE CONGO).

Na narrativa do mestre de congo, a duração da produção da máscara de congo necessita de oito dias, período que envolve crianças, adultos, mestres de congo, congueiras, todos em movimentos de compartilhar as artes de fazer suas próprias máscaras de congo, em suas singularidades, afetos e subjetividades, inventando a si mesmos, com mo-

vimentos inventivos, e com potencial criador nas coletividades.

Fazer as Máscaras de congo é habitar movimentos de invenções de si e de mundos, mundos esses que não são preexistentes, não são dados de antemão, e conforme Maturana são produzidos na relação, no viver e no com-viver nas complexidades das redes cotidianas. Nas conversas com a congueira-filha do mestre de congo são destacados saberes, que, na narrativa da congueira, a máscara surgiu através dos escravos que fugiam de Queimados/Serra.

O João Bananeira surgiu aqui na região de Taquaruçu. Tinha um senhor que o nome dele era João e quando tinha a festa de congo ele se vestia de palhas de bananeira. A máscara surgiu através dos escravos que fugiam de Queimados/Serra e para não serem achados pelos seus patrões colocavam uma máscara para não serem reconhecidos e vinham para festa de Nossa Senhora da Penha com a máscara (CONGUEIRA FILHA DO MESTRE DE CONGO).

A narrativa de um jovem congueiro, com-vive desde criança, com o devir-mascarado.

Eu participo desde quando tinha seis anos, agora tenho quinze. Meu pai é filho do mestre. Hoje eu sou o casaqueiro da banda de São Sebastião de Taquaruçu (*que toca o instrumento Casaca*). Eles falam que é Zé Bananeira, João Bananeira, eu não sei direito. Eu sei que esse negócio eles inventaram. Eles inventam as máscaras. Todo mundo faz junto a máscara (JOVEM CONGUEIRO NETO DO MESTRE DE CONGO).

Invenções cotidianas! Máscaras inventadas na cooperação e com o devir-mascarado! As vidas escapando aos controles, competições e da negação do amor que atravessam as relações competitivas da cultura contemporânea. A própria comunidade é quem as produz. Há meninos e meninas que sentem prazer em criar as suas máscaras (SANTOS, 2012, p.11).

Humberto Maturana problematiza a negação

do amor e a *competição* no âmbito das relações sociais. Para ele, constituímos-nos historicamente e biologicamente como humanos na cooperação, sendo a competição uma invenção cultural humana, portanto, não biológica.

Nós temos a biologia do compartilhar, e isso se nota na vida cotidiana. [...] O compartilhar é em nós um elemento que pertence à nossa biologia, não pertence à cultura. Pelo contrário, vivemos atualmente uma cultura que nega o compartilhar, porque estamos supostamente mergulhados na maravilha da competição (MATURANA, 2006, p. 93).

As artes de fazer e narrar as máscaras de congo embalam os *sujeitos praticantes* em emoções amorosas, solidárias e cooperativas, produzindo aprendizagens inventivas com relações solidárias, negociando as tensões e conflitos com conversas que ampliam os afetos. Assim, as emoções, como o medo, a ambição, a competição, a violência, o preconceito restringe a inteligência. O amor é a única emoção que amplia a inteligência (MATURANA, 1999, p. 19).

Sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera. [...] destacar o amor como fenômeno biológico do social, bem como as implicações éticas dessa dinâmica, seria desconhecer tudo o que nossa história de seres vivos de mais de três bilhões e meio de anos nos diz e nos legou (MATURANA, 1999, p. 269-270).

Nesse sentido continuamos tecendo fio de conversas com a narrativa de um jovem morador da região e membro do Congo de Taquaruçu:

Nessas máscaras você pega a argila, faz a forma que você quer e você enche de jornal, deixa secar, depois pinta e já está pronto! É fácil! Olha, eu faço porque eu ajudo o meu pai, porque ele é Presidente da Associação das Bandas. No carnaval eles colocam a máscara, aí não dá para ninguém perceber. Um monte de gente lá em Roda D'água faz máscaras. Tem criança e adolescente também. Eles fazem com palha de bananeira, colocam a máscara e fazem a roupa de palha de bananeira. Algumas pessoas vão com roupa normal. Eles usam uma linha e vão amarrando as palhas de bananeira, aí faz tipo uma saia. Eu gosto! (CHICO).

Continuamos com as artes de fazer e narrar os fios de conversas com dois praticantes do Carnaval de Congo, professores e ativistas culturais e que trazem à cena o Mascarado. Aqui o Mascarado é batizado como Zé Bananeira:

O personagem do Zé Bananeira foi um personagem criado. Então, vimos aquilo tudo, fizemos uma caminhada de 10 km e eles bebiam cachaça, tocavam tambor até na casa, era muito longe, íamos na escuridão. Começamos a frequentar Roda D'água, conhecemos o senhor Queiroz que fazia as máscaras na época. Seu Queiroz era um português que resgatou o Carnaval de Congo e trouxe para Roda D'água, nós pegamos o básico do básico (JOSÉ).

Nessas redes de conversações nos deparamos com os Mascarados...com o João Bananeira e com o Zé Bananeira...todos esses personagens estão imersos no Carnaval de Congo de máscaras e produzem saberes que atravessam e são atualizados e compartilhados por gerações, com relações solidárias, amorosas e cooperativas.

Fios de conversas tecidas com professores nos devires-mascarados traduzem as relações-aproximações dos *sujeitos praticantes* do Carnaval do Congo com as matas da região. Durante um tempo, esses mascarados começaram a fazer coisas dos cotidia-

nos junto com o Carnaval de Congo e foi se redimensionando. São várias versões do surgimento das máscaras, vários pontos de vistas dos observadores... A ideia era para assustar brincar, alegrar, porque ali era uma região de mata.

A máscara dele era bem primitiva juntava o barro e fazia um molde, pegava jornal, papelão, revista, não usa cola tenaz, ele fazia goma de maisena, porque a intenção dele era fazer só para a festa daquele dia. Ele começava a fazer dez formas de barro, aí ele juntava o povo e ensinava a fazer a papietagem, tira de jornal e goma e depois tira de jornal nesta disposição. Tem gente que confunde papietagem com papel machê. O papel machê é o papel triturado, você faz a massa e a papietagem você faz tiras de papel sobrepostas até ficar uma camada espessa para depois retirar e pintar. Ele até triturava também para fazer um nariz, uma orelha. Ele era Mestre de Congo de Santa Izabel de Roda d'água. A comunidade era dividida, Seu Queiroz era branco, português. Ele reclamava muito da discriminação da própria comunidade. A maioria das máscaras tinha o formato de animais, focinho de porco, a fisionomia das máscaras era de animais, é misturado humano com animal. A ideia era para assustar porque ali era uma região de mata (JOÃO).

O Congo de máscaras como uma subversão, um escape! Táticas dos sujeitos praticantes e produtores desconhecidos, que inventam maneiras de fazer e burlar as formas-forças dos cotidianos... sujeitos não alienados! Aprendemos com Certeau (2008a) que não devemos tomar o outro como idiotas, pensando em redes de astúcias, maneiras e artes de fazer e narrar, que subvertem, traçam desvios sutis e criações anônimas irrompendo a vida cotidiana, que não se capitaliza (FERRAÇO, 2003).

[...] É preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações dos seus usuários; é mister ocupar-se

com “as maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática. O que importa já não é, nem pode ser mais a “cultura erudita”, tesouro abandonado à vaidade dos seus proprietários. Nem tampouco a “cultura popular”, nome outorgado de fora por funcionários que inventariam e embalsamam aquilo que um poder já eliminou, pois para eles e para o poder “a beleza do morto” é tanto mais emocionante e celebrada quanto melhor encerrada no túmulo. Sendo assim, é necessário voltar-se para a “proliferação disseminada” de criações anônimas e “perceíveis” que irrompem com vivacidade e não se capitalizam” (CERTEAU, 2008a, p. 13).

Como dispositivo, destacamos a seguinte conversação com as artes de fazer e narrar o congo de máscaras e seus atravessamentos com os cotidianos escolares da região.

A gente começou a criar essa referência do Carnaval de Congo na escola. Eu comecei a trabalhar com professores, comecei a pegar a técnica. As crianças adoram, é instigante, colorido. Eu fiz um Baile de Máscara em homenagem ao Carnaval de Congo. Começamos a fazer as máscaras e os professores fizeram uma Oficina com alunos para fazerem as máscaras tradicionais com o pano e as crianças na sala fizeram as máscaras simples de cartolina. Todas as salas foram para o Carnaval de Congo e criamos um grupo vestidos de congo e com a máscara de Congo. A gente conta sobre as brincadeiras da máscara, o porquê esconder das máscaras (JOSÉ).

Aprendemos também com Certeau (2008a, p. 152), que se a própria arte de dizer é uma arte de fazer e de pensar, pode ser ao mesmo tempo a prática e a teoria dessa arte...

A oralidade está em toda a parte, porque a conversação se insinua em todo lugar; ela organiza a família e a rua, o trabalho na empresa e a pesquisa



Imagem produzida pela autora durante a realização da pesquisa de campo. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

nos laboratórios. Oceanos de comunicação que se infiltram por toda a parte e sempre determinantes, mesmo onde o produto final da atividade apaga todo traço desta relação com a oralidade. É de ser natural e necessária em todo lugar que a conversação provavelmente tira seu estatuto teórico inferior. Como creditar inteligência e complexidade requintada às astúcias de uma prática tão comum? (CERTEAU, 2008a, p. 337).

Veremos essas aprendizagens inventivas nos coletivos das produções das máscaras do carnaval de congo, as redes de conversações, com zoons na Escola do Encantado<sup>15</sup>, nos entres das geografias da

<sup>15</sup> A pesquisa percorreu travessias e pousou nas redes cotidianas do Congo e nos cotidianos escolares da Escola Municipal do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira, localizada em Roda D'Água, que no artigo chamarei de Escola do Encantado. O Congo do Encantado acontece no dia de Páscoa na Associação da BC de São Sebastião de Taquaruçu. É o pré-Carnaval de Congo de máscaras de Roda D'Água. Ressalto que a pesquisa, quando pousou no cotidiano da escola campo, considerou os desafios de pensar as relações étnico-raciais, a população negra, afrodescendente e indígenas, que são também sujeitos praticantes do congo de máscaras, apostando na formação de professores/as, com aportes éticos, estéticos e políticos. Considerando as garantias de direito previstas na legislação educacional do Brasil que, em janeiro 2003, criou a Lei 10.639/03 (2005), que determina como obrigatório o Ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas e privadas. Em março de 2008, a 11.645/08 (2008) alterou a lei anterior e

Reserva Biológica Estadual de Duas Bocas e da Área de Preservação Municipal do Moxuara, a uma altitude aproximada de 500 metros, coberto pela Mata Atlântica.

Sentiremos também as presenças das máscaras de congo nas brincadeiras, nos amores mascarados, nos afetos e nas alegrias, com as oficinas culturais musicais.

### O congo de máscaras nas oficinas culturais musicais

Nos exercícios de acompanhar processos, preparamos dispositivos para entrar na conversa, inspirados pelas artes, com usos de imagens, casacas, tambores, cd's, dvd's, músicas e sons, cores, cheiros, barros, chuvas, papietagens, amores, afetos, paixões alegres e tristes, que povoam o Congo de máscaras. A pesquisa com os cotidianos é um mergulho...

Mergulhados nos movimentos de invenções e reinvenções da pesquisa produziram diferentes oficinas culturais musicais na Escola do Encantado, enredadas com o congo de máscaras: Oficinas de Sensibilização Ambiental e conversações, de Máscaras e Contação de Histórias, de Percussão e de Toadas de Congo e de Técnicas de Cinema de Animação. As atividades foram momentos e movimentos de devires coletivos.

Reconhecendo atentamente as experiências com as oficinas culturais musicais como potência de ação, exibimos, na Escola do Encantado, Produções Audiovisuais, Cinemas de Animação, músicas, toadas, e vídeos sobre as histórias do Congo de Roda D'Água. Capturamos fotos e imagens dos bastidores dos *sujeitos praticantes* envolvidos com a produção das máscaras, inventando bons encontros e experiências, entrelaçando os espaços da pesquisa, carto-

acrescentava como temática para a educação nacional a história e cultura indígena.

grafando processos, relações, fluxos, linhas, gestos.

O Mestre e Artesão de Máscara de Congo de Taquaruçu e *sujeito praticante*, foi convidado para produzir Oficinas de Máscaras e contação de histórias. A Oficina de Máscaras percorre várias etapas experienciadas nas coletividades: o preparo do barro, escolha e montagem do molde da máscara, que segue a singularidade de cada pessoa, aplicação de plástico sobre o molde de barro, colagem de tiras de jornais em várias camadas, utilizando-se da técnica conhecida por papietagem. Após essa composição, há que se esperar por oito dias para a secagem completa da máscara.

Outra oficina cultural musical foi realizada para a decoração das máscaras, juntamente com os estudantes, que puderam pintá-las com cores diferentes de tinta guache, e, com a ajuda da professora de Artes, os estudantes fizeram os acabamentos finais e costuraram os tecidos de algodão estampado a cores, do tipo chita.

Com eles eu nunca tinha trabalhado com congo, eu aprendi tudo aqui como foi seu projeto com Mestre Valdeci e com essas confecções de congo. Eu aprendi com eles, graças a Deus eu tenho essas habilidades, mas o que aprendi sobre congo, aprendi com você e com a professora de educação física da escola, porque ela já estava um pouquinho nesses projetos, mas eu acho bacana para essas crianças terem essa cultura, eles verem onde eles vivem, não deixarem morrer a cultura deles de onde eles estão. Eu gosto muito dessas coisas, dá para levar para outras escolas, aprendi a técnica como é feita, a pintura só de olhar dá para saber como é feita eu acho bacana e espero levar isso para outras escolas (CASACA)<sup>16</sup>.

Percebemos que, com os movimentos dos fazimentos das Máscaras de congo, acontecem em dife-

<sup>16</sup> Ressaltamos que usaremos os nomes dos instrumentos e instrumentárias do Congo como modo de nomear os/as professores/as e os outros habitantes da Escola do Encantado.

rentes temporalidades, intensidades, saberes-fazer e experiências como nos ensina Larrosa (2004, p. 154),

experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou nos toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa. Dir-se-ia que tudo está organizado para que nada nos passes.

Os tempos dos movimentos das Oficinas de Máscaras são intensos e atravessados por experiências de cooperação, solidariedade, amorosidade, paciência, e, o cultivo da atenção, da delicadeza, do aprender, do brincar, da lentidão, domínios de ações não numeráveis, nem sucessivas... Experiências cultivadas com as artes dos encontros, como aprendemos com Larrosa.

A experiência [...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Para realizar com os estudantes as oficinas de percussão e toadas com os instrumentos do congo, convidamos um historiador, músico, pesquisador e Professor de História.<sup>17</sup> Os instrumentos foram inventados no decorrer da oficina, com o reaprovei-

<sup>17</sup> Santo, José Elias Rosa dos. Processos organizativos e identidade afro-brasileira: a transmissão cultural do congo em Cariacica/ES. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

tamento de objetos e materiais usados, inventando também sons e ritmos, a partir de chocalhos, tambores de baldes e varetas de bambu.

Criamos, brincamos e inventamos situações... devires e infâncias nos educandos, em redes de alegrias embaladas pelas toadas de congo inventadas nos exercícios de serem crianças, como modos essenciais de vidas, na amorosidade. Amor e brincadeira são modos de vidas e relações. São domínios de ações, como diz Maturana e Gerda Verden-Zöllner:

O amor e a brincadeira não são conceitos nem ideias abstratas na história que nos deu origem. São aspecto de uma forma de vida que se manteve, geração após geração, como uma referência operacional em torno da qual mudou todo o resto, no devir evolutivo da linhagem de primatas à qual pertencemos. Ou seja, o amor e a brincadeira eram formas não-reflexivas de modos de ser mamíferos dos primatas bípedes, que foram nossos ancestrais pré-humanos: simples costumes e maneiras de relacionamento mamífero, cuja conservação como aspectos centrais de seu modo de viver tornou possível a origem da linguagem (MATURANA E VERDEN-ZÖLLER, 2011, pág. 247).

Continuando a conversa os estudantes participaram de uma oficina de cinema de animação, produzindo roteiro de um curta-metragem, com as seguintes técnicas: Desenho, Stop-Motion, Pixilation e flip-book, em parceria com o Instituto Marlin Azul<sup>18</sup>. Nas oficinas audiovisuais os estudantes, na coletividade, discutiram e negociaram o roteiro *tecidos* pelas redes de conversações, resultando num filme de 7 minutos, intitulado por eles de Amor Mascarado. O filme foi lançado com os estudantes da Escola do Encantado em outubro de 2014, no Dia Mundial de

<sup>18</sup> O Instituto de Desenvolvimento Social e de Gestão de Produção Cultural, Artística e Audiovisual Marlin Azul é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Disponível em: <http://www.institutomarlinazul.org/>. Acesso em 06/04/2013.



Imagem produzida pela autora na escola da pesquisa após a realização da Oficina de Máscaras de congo, na etapa da pintura e decoração.  
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Cinema de Animação, e continua sendo exibido em diferentes espaços de convivências.

Muitas outras conversas atravessaram as oficinas culturais musicais nos devires-crianças e devires-mascarados, o corpo fala..., a expressão ao vestirem as máscaras, ao brincarem com elas, dançaram e cantaram ao se camuflarem coletivamente pelas matas da Escola do Encantado entre os Carnavais dos Amores.

### In-concluindo aos sons, tons e cores do congo de máscaras de Roda D'Água

Esse artigo desejou ser um exercício coletivo de discussão do potencial das redes de conversações dos processos de produção das máscaras de congo, apostando na potência da vida, nos bons encontros, potencializando dimensões éticas, políticas e estéticas, nos movimentos de invenções de si e de outros mundos, articulando a vida cotidiana, seus rastros, cheiros, sabores, gestos, risos, cores, saberes, poesias, fazeres, sons, afetos e alegrias.

A tentativa foi traçar linhas nas redes de conversações com a produção das máscaras de congo, a pesquisa apostou nas experiências cooperativas,

amorosas e felizes, conexões, fluxos, encontros intensos, conversas, verdades inacabadas e aproximadas. E peço emprestadas as palavras da interpretação de Maria Bethânia<sup>19</sup> (1985) para continuar essas conversas, em outros espaços-tempos de convivências...

*Você verá que a emoção começa agora. Agora é brincar de viver. [...] Eu desejo amar todos que cruzar pelo meu caminho... como sou feliz eu quero ver feliz vem andar comigo vem. Agora é brincar de viver! Vamos brincar de viver?*

Atualmente a pesquisa com as máscaras de congo, continua sendo desenvolvida pela autora do artigo, com o ingresso no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso/SP). O desejo é continuar potencializando experiências em diferentes espaços de convivências, formação e de aprendizagens inventivas, dialogando com políticas cognitivas, epistemológicas e de narratividade, principalmente apostando nas dimensões políticas, ecológicas (REIGOTA, 1999 e 2011) e pedagógicas dos que vêm das margens (REIGOTA, 2013) e, com inspirações nas contribuições éticas, estéticas e políticas, presentes no pensamento de Paulo Freire (2009).

As máscaras em um trabalho inconcluso! Potencial criador e problematizador que acompanham as máscaras, os mascarados, os espíritos-santos-mascarados. As máscaras nas práticas culturais capixabas... O que podem as máscaras? (RAMOS, p. 117, 2013).

<sup>19</sup> Maria Bethânia Viana Teles Veloso, mais conhecida como Maria Bethânia (Santo Amaro da Purificação, Bahia, 18 de junho de 1946). Disponível em: <http://www.bahia.ws/biografia-maria-bethania/>. Acesso em 26/06/2015.

### Referências bibliográficas

- ALVES, N. *O espaço escolar e suas marcas*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. IN: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (ORG.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ALVES, N. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. GARCIA, Regina Leite (org.), *Diálogos cotidianos*. Petrópolis, RJ: DP ET Alit, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.
- ARANTES, Guilherme; LUCIEN, Jon. *Brincar de viver*. PL: Despertar, 1985.
- BEZERRA, Omyr Leal. *Cariacica*. Resumo Histórico. Cariacica: IPEDOC, 2009.
- BUARQUE, Chico. *Sonho impossível. Álbum*: Simplesmente, 1990.
- BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União, Poder Executivo.
- BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. Brasília: Diário Oficial da União, Poder Executivo.
- CD-ROM. *Bandas de Congo de Cariacica –ES – Brasil*. Cariacica, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Campinas, SP: Papyrus, 2008b.
- CORADINI, Marcia; GERLIN, Meri. *Pássaro de fogo: lendas, contos e cantos*. Vitória: GSA, 2008.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed.34, 1992.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In.: GARCIA, Regina Leite (org.), *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 157-175.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. *Educ. Soc.* [online]. 2007, vol.28, n.98, pp.73-95. ISSN 0101-7330. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000100005>. Acesso em: 24/11/2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, 2002.
- LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autentica, 2004.
- MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagens na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- MATURANA, HUMBERTO; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. *Amar e brin-*

car. Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2011.

MAZOCO, Eliomar. *O congo de Máscaras*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo/Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1986.

MIRANDA, Marina Rodrigues. *Leitura de imagens: da casaca à konshaça – mediações na particularidade do enredo cultural serrano, na formação de professores em educação à distância*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

NEVES, Guilherme Santos. *Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba (1944-1982)*. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008, v. 1.

RAMOS, Andreia Teixeira. *Educação ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2013.

REVEL, Judith. *Dicionário Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2011.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-colonial*. São Paulo: Cortez, 2011.

REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. *Teias*, 11(21). 2010. Disponível em: <http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revista-teias/article/viewFile/533/446>.

Acesso em 31/07/2013.

SEIXAS, Raul. *Prelúdio*. Álbum: Sonho que se sonha só. É só um sonho que se sonha só, 1973.

SEQUEIRA, Padre Francisco Antunes de. *Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense desde os tempos coloniais até nossos dias*. Rio de Janeiro: Tipografia G. Leuzinger & Filhos, 1893.

SOUZA, Edileuza Penha de. *Tamborizar: História e afirmação da auto-estima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de Congo*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

Recebido em: 25/11/2016

Aprovado em: 25/07/2017

